

*Boletim Informativo da Federação Portuguesa
da Ordem Maçónica Mista Internacional "Le Droit Humain"
Edição Especial - 30º Aniversário da Respeitável Loja Humanidade*

R.:.L.:. HUMANIDADE



1980 - 2010

O.:. Lisboa

*Ano 1 Edição Especial
Maio, 2010*

Editorial

Celebrou-se este ano, no mês de Abril, o 30º aniversário da criação da R.: L.: Humanidade, a Or.: de Lisboa.

É uma efeméride de assinalável relevância, pois é com o levantar de colunas desta R.: L.: que Portugal retoma o contacto com a nossa Ordem, interrompido mais de 60 anos por causa da Ditadura.

A primeira L.: Humanidade era uma L.: feminina com Carta Patente do Grande Oriente Lusitano Unido (GOLU). Em 1923, tendo Adelaide Cabete como Venerável, afasta-se do GOLU e pede a sua filiação ao "Le Droit Humain". Manteve o nome original "Humanidade" e foi-lhe atribuída o número "776".

Tendo como Delegada do Supremo Conselho a Il.: la.: Adelaide Cabete, a Jurisdição portuguesa de então cresce, embora lutando com dificuldades, e surgem várias Lojas, um triângulo, um Capítulo e um Areópago.

A instauração da ditadura e as perseguições que a maçonaria foi alvo vieram a obrigar ao abater de colunas com a "deportação" de Adelaide Cabete em 1929 para Angola.

É só em 1980, depois do conturbado período de restauração da liberdade iniciado em 25 de Abril de 1974, que um grupo de profanos resolve encetar o processo de criação de uma Loja do "Le Droit Humain" em Portugal. Nos dias 29 e 30 de Março de 1980, em França, na localidade de Mont-de-Marsan, foram levantadas colunas e acesas as luzes da "nova" Loja Humanidade.

Então, foi-lhe concedida a Carta de Constituição provisória pelo Muito Poderoso Grão Mestre da Ordem, o M.: P.: S.: G.: C.: e G.: M.: da Ordem o Irmão Jacques Choisez, com a presença do Presidente do Conselho Nacional da Federação Francesa, a M.: R.: Irmã Lucantis.

Foi-lhe atribuída o nº 1294.

Após a sua criação, vai integrar a Jurisdição Ibérica, composta nessa altura por mais duas Lojas que tinham os seus orientes em Madrid e Barcelona. A Delegada do Supremo Conselho de então era a M.: Il.: la.: Luciënne Julien.

Desde então são 30 anos de trabalho, certamente com as alegrias e momentos menos bons que todos os grupos passam.

O Conselho Nacional, certo de ser secundado por todos os Irmãos e Irmãs da Federação Portuguesa, ao saudar fraternalmente os aniversariantes, faz votos de que a Loja Humanidade continue por muitos anos a trabalhar em Sabedoria, Força e Beleza, na difusão dos ideais maçónicos.

O Presidente do Conselho Nacional

Manuel Garrido

Nesta Edição:

- ◆ Editorial
- ◆ Livro *Adelaide Cabete e a Palavra Encontrada*
- ◆ Prancha da Venerável Mestre
- ◆ Boletim Comemorativo
- ◆ Livro e Jóia
- ◆ Marcadores
- ◆ Selos
- ◆ Templo
- ◆ Ágape Fraternal
- ◆ Fado e Dança
- ◆ Ficha Técnica

Correio electrónico:

dhpt@sapo.pt

Página na internet:

droit-humain.org/portugal

Página internacional:

droit-humain.org



“Adelaide Cabete e a Palavra Encontrada, História de uma Fundadora”

Ed Padrões Culturais

Livro editado por ocasião da comemoração e dedicado aos Irmãos e Irmãs da Respeitável Loja Humanidade, neste ano de 2010 a festejar os trinta anos do segundo Levantamento de Colunas da primitiva Loja concebida por Adelaide Cabete.

Excerto do Livro (prefácio):

“Alguém que vá ao Cemitério do Alto de S. João pode quase tropeçar numa campa rasa em que a “tampa” parece ter sido afastada. Olhando melhor, aperceber-se-á que não se trata disso, mas pode haver várias outras razões, entre as quais: arte e símbolo. Porque símbolos são coisa que não falta sobre aquela campa rasa.

Campa rasa no espaço, campa elevada no símbolo. Mas qual o significado do símbolo? Um nome de mulher: Adelaide Cabete. Apelido estranho. E no entanto, cheio de ressonâncias.

Sobre a pedra “afastada”, uma data: 1867-1935. Um triângulo invertido com o vértice a apontar o norte, intersectado ao meio por uma linha.

O símbolo da terra, dizem-nos, confirmaremos mais tarde, leremos. Semi-escondida pela pedra, uma folha velha, molhada; tinha chovido havia pouco.

Sobre uma pedra um pouco em bruto, um compasso e um esquadro entrelaçam-se. Um cinco suspenso de uma linha que cruzou o triângulo e formou a terra, encima o abraço do esquadro e do compasso. A pedra encontra-se humildemente colocada sobre a terra e ervas. Alguém ali deixou uma flor branca. [...]”

Três poemas incluídos respectivamente nas I, II e III partes:

“dá-me o vagar da tua mão
como se nunca partisses pela estrada
ou pelos outeiros da noite”

M C

“A mão treme sobre a flor,
dos rios dos dedos nasce a fonte de Outono
onde se afiam lápis de ouro.
As nuvens trabalham em redor em seu duplo esplendor
para que a lua da neve regresse ao seu trono”

M A

Cripta

“Na semente funda e silente da Rosa
uma voz revela suas essências secretas

Escuta

e esculpe tua Pedra

na recolhida concavidade

o que no escuro da luz se colhe

é o que das pétalas se evade.”

L D

“A PEDRA

ENCONTRA-SE

HUMILDEMENTE

COLOCADA

SOBRE A TERRA E

ERVAS. ALGUÉM

ALI DEIXOU UMA

FLOR BRANCA.

[...]”

Prancha da Venerável Mestre da Respeitável Loja Humanidade

Meus caros Irmãos e Irmãs, coube-me a mim estar à frente desta Loja no seu 30º aniversário, (...)

Vejo este caminho das Lojas e de quem vai à frente, como um voo de pássaros. Os pássaros têm de fazer longos, longuíssimos voos. E isso só é possível porque de vez em quando um pássaro passa para a frente e guia o bando, digo, respeita o desígnio do bando, sendo que este movimento é cíclico e sendo o bando sempre o mesmo, vários pássaros se vão substituindo na missão de desbravar o ar.

É assim que vejo os cargos, nomeadamente o cargo do Venerável Mestre. Não importa quem vai neste momento à frente, importa o bando, a continuidade do voo e a cooperação entre todos. Não importa qual vai à frente, importa como o faz e que saiba muito claramente por que o faz. O bando não existe para seguir o da frente, o da frente existe para servir os que o seguem, sabendo que deve ser substituído antes de sentir cansaço, porque é a sobrevivência dos outros que está em causa. E aí retira-se, normalmente para trás, *last but not least*.

Aproveito este momento para prestar a minha homenagem, em nome da Loja, a todos os Veneráveis Mestres, presentes ou não, activos ou não, que durante algum tempo sustentaram o voo desta Respeitável Loja. E a todos os que voaram. E a todos os que continuam voando.

E já que estamos a falar em pássaros, esses seres do ar, não esqueçamos também o fogo do carneiro, o fogo divino do entusiasmo. Porque não deixa igualmente de ser curioso que esta Loja, a primeira do novo ciclo da Jurisdição Portuguesa, tenha tido o seu nascimento sob o signo do carneiro, o símbolo do pioneirismo. Mesmo para uma relativa céptica como eu, que não acredita em bruxas, *las ay, las ay...*

Para terminar, gostaria ainda de registar que esta Loja é herdeira de um honroso nome de duas anteriores Lojas Humanidade com que por vezes tem sido confundida. Atrás dos 30 anos desta Loja que hoje celebramos, muita história se desenrola. Existiu realmente uma outra Loja Humanidade, surgida em 1923, assim nascendo a Jurisdição Portuguesa do Direito Humano. E podemos recuar mais e encontrar uma outra Loja, essa feminina, de mesmo nome, em 1907, sob os auspícios do Grande Oriente Lusitano Unido. Um mesmo nome para três diferentes e distintas Lojas, outras andorinhas, outros beirais, mas o mesmo desejo. O serviço da Humanidade, a Glória do GADU, que são, afinal a mesma coisa. Como a mesma coisa é o desejo de encontro com a preciosa pedra oculta dentro de cada um de nós.

Fazer trinta anos, hoje, significa para esta Loja, o pleno estar na idade adulta, a responsabilidade, a independência, a criação.

Em nome da Loja, o meu agradecimento a todos os Ilustres Irmãos e Irmãs e a todos em vossos graus e qualidades, por terem querido partilhar connosco este dia de festa. Por continuarmos, como aliás toda a Humanidade que nos emprestou o nome, encarnados na terra, o mais belo espelho, que conhecemos, do céu .

**“FAZER TRINTA ANOS,
HOJE, SIGNIFICA PARA
ESTA LOJA, O PLENO
ESTAR NA IDADE
ADULTA, A
RESPONSABILIDADE,
A INDEPENDÊNCIA, A
CRIAÇÃO.”**

Boletim Comemorativo



A Cadeia de União

A Cadeia de União é um dos símbolos mais significativos de entre todos os que decoram a Loja Maçónica. Trata-se de um cordão que rodeia todo o templo na parte superior. Esta situação no “alto” dá-lhe uma conotação celeste, confirmada pelos doze nós que aparecem de trecho em trecho ao longo de todo o cordão, os quais simbolizam os doze signos do zodíaco.

Por um lado, teremos que ter em conta que a Loja é, antes de tudo, uma imagem do mundo, e como tal deve existir nela uma representação do que constitui o próprio “marco” do cosmos, que é propriamente o zodíaco.

Por outro lado, a cadeia de união é também a corda com nós que aparece figurada nos “Quadros de Loja” maçónicos, mais concretamente nos pertencentes aos graus de aprendiz e de companheiro.

O significado simbólico de tal corda é idêntico ao da cadeia de união, mas, ao mesmo tempo, e vinculado especificamente com o simbolismo do quadro de Loja, haveria que considerar-se também outro aspecto importante dela: o que tem como função “**proteger**”, além de “**unir**” e de “**ligar**”, os símbolos e emblemas que aparecem desenhados no Quadro de Loja, o que é considerado como um espaço sacralizado, e portanto inviolável.

Neste sentido, a ideia de “**protecção**” está incluída no simbolismo dos nós e das ligaduras, que pelas suas respectivas formas relembram o traçado dos dédalos e labirintos iniciáticos.

Na simbólica universal, o labirinto, além de estar relacionado com as “**viagens**” e as **provas iniciáticas**, também tem como função a defesa e protecção dos lugares sagrados ou centros espirituais, impedindo o acesso aos mesmos pelos profanos que não estão qualificados para receber a iniciação.

Porém, a defesa estende-se igualmente ao impedir o acesso às influências subtis do psiquismo inferior, que pelo seu carácter especialmente dissolvente, representam um claro perigo que deve ser controlado e evitado a todo o custo pois, por meio dessas influências, introduzem-se determinadas energias malélicas e caóticas destinadas a destruir ou, no melhor dos casos, a debilitar os próprios centros espirituais e as organizações tradicionais ligadas a eles, e conseqüentemente, a impedir dentro do possível a comunicação com as influências verdadeiramente superiores, das quais esses centros e organizações foram – e são – precisamente, o suporte.

A cadeia de união é, efectivamente, o “**marco**” celeste que delimita, separa e protege o “**mundo da luz**” do “**mundo das trevas**”, ou seja, o **sagrado** do **profano**.



Boletim Comemorativo

Além da corda com nós que rodeia a Loja e o quadro, existe um rito na Maçonaria que também recebe o nome de cadeia de união.

Assim, para além da cadeia de união que está representada no templo pela **corda de nós** ou laços de amor, costuma-se designar também por cadeia de união o ritual praticado em loja, normalmente feito no encerramento das sessões, ou nas sessões de iniciação.

(...) Efectivamente, há algo que é transmitido entre todos os elos da cadeia, como uma forte corrente energética, um fluído de calor e energia dos quais todos são receptores e transmissores.

Na Cadeia de União, o braço direito, de pólo positivo por natureza, passa por cima do esquerdo, pólo negativo, para entrar em união com a mão esquerda do Irmão que se encontra ao lado esquerdo, formando-se deste modo aquilo a que se pode designar por uma cadeia de “*pilhas em tensão*”, nas quais o eléctrodo positivo de cada um dos elementos se une ao eléctrodo negativo do seguinte, de modo a que a força electromotriz resultante seja muito superior à de um só elemento.

Este entrelaçar de mãos com os braços entrecruzados, é um rito moderno, ou seja, não tem tradição na maçonaria operativa, mas não restam dúvidas que é um rito elaborado em nome da Solidariedade e da Fraternidade maçónicas, já que como revela a sua execução, **os Irmãos simbolizam os laços (8) de amor e harmonia**, que devem ser a base da reunião dos maçons.

Estes “*laços de amor*”, representam a força que concilia os contrários, segundo um ponto de vista dialéctico, e que portanto, acaba por conciliar todas as oposições na unidade do Princípio ou da Tese. Por outras palavras, o cimento da organização iniciática que é a maçonaria universal e tradicional, baseia-se no amor fraternal a qual permite a construção de uma Ordem coesa e organizada.

A forma como é feito o entrecruzamento dos braços, faz lembrar a construção da letra *aleph*, primeira letra do alfabeto hebraico, sendo igualmente que no pictograma do infinito – 8 – **o princípio une-se ao fim**, não havendo nem princípio, nem fim.

Neste sentido cosmológico, todos nós fazemos parte integrante da grande Ordem – seja ela qual for – e todos os seres – independentemente da dimensão ou natureza que possuírem no tempo e no espaço – estão irmanados por uma força que os une entre si.

É de certa forma a ideia do Ouroboros, a serpente em forma circular que representa o mundo, o universo em si próprio.

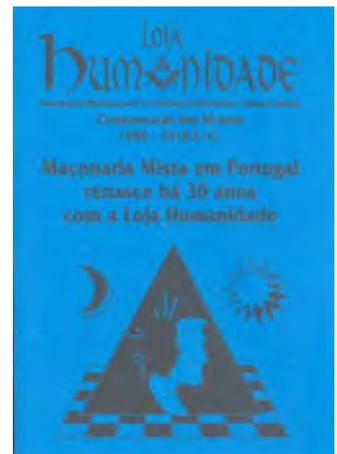
É esta dimensão universal que se encontra na cadeia de união, e que no fundo se identifica no plano dos seres humanos, com a Maçonaria Universal.

(...) Sempre que se faz a Cadeia de União, o ambiente deve estar propício, com música de fundo, a iluminação deve estar fraca, e principalmente todas as Irmãs e os Irmãos presentes devem estar concentrados; isto porque, a “Cadeia de União” é a dinamização, a tomada de acção do princípio sugerido pela corda que serpenteia nos 3 lados da Loja, ligando a coluna **J** à coluna **B**, sem contudo as unir. Torna-se, assim, indispensável compreender, à partida, a **mensagem muda** dessa corda de nós abertos, nas suas relações com o conceito arcaico de “*laço*”, de serpente protectora, do **nó cerrado** que se torna lasso e enfim, das suas borlas terminais.

Desta forma, a simbólica da corda assemelha-se ao da serpente que, fechada sobre si própria, com a cauda na boca, transmite **a Luz** e encarna **o Sol**; e de corpo esticado e cabeça pendente, toma o papel do ceptro mágico egípcio, arquétipo da iniciação libertadora – patente na simbólica da serpente do Éden.

Os nós lassos indicam um sentido evolutivo: a divindade ligante é vencida pelo Conhecimento; a coacção dogmática não consegue já fechar a sua rede.

O laço do Amor é a imagem da Solidariedade. Na tradição do Rito Escocês antigo e aceite, simboliza em parte a separação do neófito relativamente à sua Mãe, em cujo útero se encontrou, previamente, em reflexão, e de onde saiu com uma corda ao pescoço – vestígios do seu cordão umbilical agora quebrado – o neófito é colocado no centro da Cadeia de União, que forma um círculo à sua volta – verdadeira Cadeia de defesa – porque de cada vez que, na magia e nas artes, se encontra uma corda em torno de qualquer coisa, há uma intenção de defesa da coisa circunscrita e de a separar de todas as influências exteriores.



Boletim Comemorativo

É a razão pela qual o rito da “Cadeia de União” consiste na formação de um anel completo, enquanto que a corda denteada que contorna parcialmente o Templo, não constitui um círculo fechado, quedando-se, de um lado, na coluna B, e do outro, na coluna J.

De facto, as colunas não precisam de estar ligadas por uma corda para fechar o círculo. O círculo é o Universo, o Infinito, como a Loja se estende a todas as direcções, do Nascente ao Poente, do Norte ao Sul, do Zénite ao Nadir.

De facto, entre os símbolos mais expressivos que se nos oferecem à meditação, figura o “Ouroboros”, a serpente que, ao morder a cauda, forma um círculo.

Ora, a serpente leva-nos imediatamente a pensar na da Génese, Shaton, que tentou Eva, sugerindo-lhe que comesse o fruto proibido. O primeiro casal vivia no Jardim do Éden, alimentando-se de frutos que cresciam espontaneamente. Neste casal não havia desejo. Foi portanto a serpente que o despertou, e com ele o Amor. A serpente foi o primeiro Iniciador e não o vil tentador astuto e desonesto que a exegese religiosa nos apresenta, maldito pelo Criador. Deveria assim ser glorificada pela Humanidade. A tentação de Eva não se deve à sua maior fragilidade, mas sobretudo à sua grande sensibilidade e receptividade, à sua imaginação intuitiva. Adão, cujo nome significa “terra ou barro vermelho”, era mais racional, mais “pesado”, mais tímido, talvez. É porque Eva escutou a serpente, que a Humanidade entrou na via do Conhecimento, encetou o seu processo de emancipação, de evolução.

Nos templos gregos via-se frequentemente a figuração do Ouroboros, a qual simbolizava a vida em geral, no que ela tem de indestrutível e de eterno, pelo seu eterno recomeço.

Nas procissões dos Mistérios de Eleusis, as cesteiras ligavam romãs (símbolo da solidariedade e da fraternidade), espigas de trigo (mito gregário da regeneração) e uma serpente, imagem da vida regenerada.

Quando o Ven.: M.:, antes do encerramento dos trabalhos, evoca a união de todos os Maçons, quando as nossas mãos – nuas, sem luvas, para que a corrente circule – se juntam numa verdadeira Cadeia de União, parece que um sopro mágico se introduz no Templo. Logo que a Cadeia se forma, o movimento ascendente e descendente dos braços, três vezes repetido, lembra simbolicamente o ondular da serpente cósmica, de que a Cadeia é uma imagem energética, daí que **a quebra da Cadeia deva ser lenta e suave, para que a força de cada um se estabilize no seu circuito fechado.**

A Cadeia de União é, assim, a simbólica solar posta em acção, na sua expressão mítica.

Finalizando, a Cadeia de União simboliza a igualdade mais preciosa e a fraternidade mais pura que se estende do Oriente ao Ocidente e do Norte ao Sul do Templo, da mesma forma como o princípio da civilização se estendeu por todo mundo.

A Cadeia de União lembra que a Instituição Maçónica é maior que as religiões, abraça todo o Mundo conhecido, unindo com ramos de flores, raças, povos, nações e continentes.

“A Cadeia de União”, é a mais bela e preciosa Jóia da Loja, ora móvel, ora fixa e quando formada, representa a Luz dos Astros em torno do Sol.

A Cadeia de União, simboliza o Universo e é eterna, como eternos e universais são o amor, a bondade, o progresso e a Justiça.

Os homens unidos na Cadeia de União, constituem uma só Família orientada pela grandeza absoluta do Pai Celestial, que é o nosso G.:A.:D.:U.:.

FP.:

Obras consultadas:

René Guénon, “Símbolos Fundamentais da Ciência Sagrada”, Editora Pensamento
Francisco Ariza, “El símbolo y el rito masonico de la Cadena de Union”.

**A CADEIA DE UNIÃO
SIMBOLIZA A IGUALDA-
DE MAIS PRECIOSA E A
FRATERNIDADE MAIS
PURA QUE SE ESTENDE
DO ORIENTE AO OCI-
DENTE E DO NORTE AO
SUL DO TEMPLO, DA
MESMA FORMA COMO O
PRINCÍPIO DA CIVILIZA-
ÇÃO SE ESTENDEU POR
TODO MUNDO.**

Boletim Comemorativo

A Loja e a formação da Egrégora

«O que é mais importante do que o ouro? A Luz. O que é mais importante do que a Luz. A palavra que se troca com o outro.» Goethe

Um símbolo pode interpelar-nos de uma forma estática ou de uma forma dinâmica, conforme se nos apresenta isolado ou se relaciona com outros símbolos no multifacetado das suas significações potenciais, no quadro de um universo simbólico específico.

O tapete de L.: é um bom exemplo deste último caso. Vários símbolos com um valor de “per si”, compõem e integram-se num conjunto coerente que adquire também um valor próprio.

Quando se estuda por exemplo a simbologia de um tapete de L.:, em grau de aprendiz no R.:E.:A.:A.:, pode ter-se essa percepção de interdependência e complementaridade do símbolo. De facto, o tapete de L.:, agregando os principais símbolos característicos de um grau, é ele próprio globalmente considerado um símbolo, isto é, não apenas um somatório dos símbolos que o compõem, mas algo mais, que lhe confere um valor ou significação própria.

Interrogamo-nos, por vezes, sobre o valor próprio dos tapetes de L.: enquanto conjunto. Penso, todavia, que haverá que reconhecer sempre um valor autónomo ao conjunto dos símbolos, proporcionado pelas várias associações e conexões, embora a coerência de sentido só por cada um possa verdadeiramente ser encontrada e dela dar testemunho. Isto é, não se pode pretender estabelecer interpretações unívocas. Ainda que do ponto de vista pedagógico se revelem úteis, fornecendo um ponto de partida de reflexão permanece sempre algo de irredutível num símbolo. Se isto é válido para a interpretação ou leitura isolada dos símbolos, por maioria de razão o será para uma associação de símbolos.

O que é curioso nesse “mais” proporcionado pelo conjunto de símbolos no tapete de L.:, é que os símbolos que o integram ganham novas significações por vezes mesmo contraditórias com o sentido comum ou imediato, mas que o enriquece-



Boletim Comemorativo

cem e lhe conferem as suas características de elasticidade e pluralidade de sentidos, consoante o sujeito e o respectivo estado de consciência com que interagem.

O próprio Templo e a L.:, são um símbolo vivo que integra de maneira privilegiada diversos elementos: simbólicos, espaciais, temporais, pessoais, anímicos, que se relacionam de forma enriquecedora através do ritual, conferindo possibilidades operativas que nos é dado aproveitar em qualquer rito ou regime em que decorrem as nossas sessões.

Assim, nunca é demais, recordar ou reflectir sobre os nossos rituais, sobre o que nos envolve durante os trabalhos e observar neles a nossa conduta.

Os rituais, o Templo, os símbolos, as nossas atitudes e gestos são linguagens. E, justamente porque são uma linguagem, esta tem que aprender-se para ser entendida e utilizada como instrumento de comunicação.

Contrariamente ao que podemos pensar, esta aprendizagem deve ser permanente. Uma língua que se aprende mas depois não se utiliza, depressa se esquece. Essa utilização deve ser activa. Pode verificar-se no contacto diário com uma língua estrangeira, por exemplo, através da televisão ou TV Cabo com acesso a canais estrangeiros. Sem o esforço constante de tentar compreender não nos serve de muito para manter ou desenvolver o conhecimento dessa língua, ficando literalmente na mesma ou quase, apesar de passados muitos anos ⁽¹⁾.

Não é, assim, inútil regressar de vez em quando ao alfabeto das diversas linguagens ⁽²⁾ usadas no *atelier* maçónico, de avivar o nosso vocabulário e de explicitar as nossas regras gramaticais.

Para ter presente e melhor compreender para que serve este ou aquele aspecto do ritual utilizado em *atelier*, permitam-me que recorde o que é um Templo e uma assembleia de Maçons.

Um Tempo maçónico, enquanto representação simbólica, é uma figuração do universo.

O Sol, a Lua, as estrelas no firmamento, a pedra bruta e os metais, os elementos e as referências aos quatro pontos cardeais etc. estão lá para nos fazer pensar isso mesmo. Mas inserido nesse universo, o At.: é também um pequeno universo fechado, protegido do exterior. Não tem janelas, salvo as representadas com grades no tapete de L.: em 1.º e 2.º graus.

Existe uma relação entre vários mundos que se integram – macrocosmo *versus* microcosmo; universo *versus* templo; templo *versus* homem.

Um Templo maç.: é ao mesmo tempo uma representação da sociedade humana. Com efeito, o Templo não é apenas um espaço com a sua decoração que nos envolve mas também o conjunto dos II.: e Ilaa.: que nele se encontram. Os rituais recordam-nos em cada sessão que a Maç.: reúne os homens, e também entre nós as mulheres sem qualquer discriminação de raça, de condição social, cultural ou económica, de convicções religiosas ou ideológicas, prefigurando uma humanidade nova, harmoniosa e fraterna.

OS RITUAIS RECORDAM-NOS EM CADA SESSÃO QUE A MAÇ.: REÚNE OS HOMENS, E TAMBÉM ENTRE NÓS AS MULHERES SEM QUALQUER DISCRIMINAÇÃO DE RAÇA, DE CONDIÇÃO SOCIAL, CULTURAL OU ECONÓMICA, DE CONVICÇÕES RELIGIOSAS OU IDEOLÓGICAS, PREFIGURANDO UMA HUMANIDADE NOVA, HARMONIOSA E FRATERNA.

Boletim Comemorativo

Como no mundo profano, em parte, mas assente num plano de realidade diferente, no atelier maç.: existe uma organização hierarquizada que ao mesmo tempo veicula ideais de liberdade para todos, de igualdade e de fraternidade. Isto pode parecer contraditório. Os Off.: de L.: dispõem de certos poderes e os restantes devem-lhes respeito: não é por acaso que os VV.: MM.: tratam com reverência (ou com formalidade) os Off.: e vice-versa. No entanto, todos podem falar com liberdade absoluta a cada Ir.: ou Ira.: independentemente do seu cargo ou de qualquer outra posição. Esta igualdade que não atende à diversidade de situações sociais ou maç.:, sempre esteve presente nas LL.:⁽³⁾.

Enfim, o Templo é igualmente uma representação de todos nós, porque enquanto homens e mulheres somos não apenas parte da humanidade mas uma parcela do Universo. Dizendo que o homem é um universo, penso, é evidente, na memória que cada um transporta no facto de cada um de nós ser composto de milhões de genes, células, neurónios, que abrigamos inumeráveis seres, vozes que nos habitam. Toda esta diversidade, comparável à diversidade da humanidade ou da terra com tudo o que ela contém ou alimenta, está perfeitamente organizada.

O Templo é uma representação do universo, da humanidade e do homem, uma lembrança poderosa da nossa relação aos outros e aos laços que nos unem à terra e ao mundo para além do nosso cada vez mais pequeno planeta.

O Templo maç.: simboliza o universo, a humanidade e o homem de todos os tempos. O tempo encontra-se presente sob diversas formas nos rituais.

O sol eleva-se, avança no seu percurso e atinge o seu ocaso durante o decorrer dos trabalhos. Mas este tempo é circular como as nossas deambulações em *Atelier* de Cav.: R+.:. O desenvolvimento deste tempo, paradoxalmente imutável engloba em cada instante toda a história do universo, incluindo o passado e o presente do conjunto das sociedades humanas e recorda-nos a totalidade da nossa história pessoal desde o primeiro ao último instante.

Os objectos que nos rodeiam são heterogéneos tanto pelo lugar como pela época de origem. Esta heterogeneidade é intencional e significativa. Os nossos comportamentos remetem também a diferentes civilizações passadas e presentes. Enfim, os textos dos rituais inspiram-se em fontes variadas. Encontramo-nos, assim, tanto no Egipto antigo, como em Jerusalém, na Bíblia judaica ou católica e protestante, por vezes mesmo nos mistérios das antigas escolas persas, gregas e celtas. Sem sincretismo redutor, vivemos simultaneamente na Idade Média ou no Iluminismo, sem esquecer a nossa época actual, que também imprime a sua marca nos nossos ritos e regulamentos.

No Templo maç.:, no decurso do trabalho ritual, com os Ilrr.: e Ilaa.: encontramos-nos fora do tempo e do espaço. Situamo-nos, portanto, “*fora do mundo*”. O maç.: situa-se no seu momento histórico e nas vicissitudes da sua circunstância, mas ao mesmo tempo numa dimensão intemporal.

No entanto, o Templo, este “modelo reduzido” de cosmos, permite-nos com-



Boletim Comemorativo

preender melhor o homem, a humanidade e o mundo em que vivemos. E, a maior parte de nós procura nessa aprendizagem que aqui se colhe, um auxílio para melhor servir o homem e a sociedade.

Como agir sobre o mundo e ao mesmo tempo estar fora dele? Por vezes também este aparente paradoxo nos confunde. E assalta-nos sempre que esquecemos a natureza e as possibilidades dos instrumentos à nossa disposição e esperamos da Maç.: outra coisa que ela não pode fornecer. Atormenta-nos sobretudo quando a sociedade profana atravessa crises e temos a impressão de ser desesperadamente impotentes. Mas não podemos esquecer que por vezes devemos recuar para melhor podermos observar ⁽⁴⁾.

Como pode uma L.: maç.: ajudar-nos? Desde logo, permitindo descondicionamento e o afastamento das preocupações quotidianas, desligando-nos do mundo profano, aumentando o espaço interior de reflexão livre. Estar na L.: ajuda a encontrar o equilíbrio e a reencontrar a serenidade. Como digo frequentemente entre Ilr.:, participar conscientemente e com empenho nas nossas sessões rituais é um acto de higiene e salubridade mental.

Mas, sobretudo a Maç.:, oferece-nos uma excelente ocasião de apreciar a diversidade humana e de nos enriquecer através dela. Nela predispomo-nos a reaprender. É uma espécie de universidade para adultos. Pelos seus símbolos, rituais e pelo trabalho conjunto dos Ilr.:, compreendemos melhor o passado, o presente e as perspectivas, tanto individuais como do devir colectivo. Aprendemos a relativizar as coisas e a encontrar o nosso lugar no seio da comunidade humana. Nesta matéria, a L.: é-nos particularmente útil.

Compreender o nosso valor na relação com os outros não é fácil: enquanto crianças representamos o tudo para as pessoas que nos estão próximos. Depois, quando crescemos, passamos brutalmente do centro do universo à sua margem. E, nas sociedades modernas fortemente marcadas pelo individualismo e o consumismo, sentimos, com os resíduos de uma consciência egocêntrica, a passagem do calor ao frio, do mar de amor ao país mais inóspito de indiferença. A adolescência é dolorosa em grande parte por causa disso. Dando ocasião de aprender a “*amar os outros e a si mesmo*” – citando os rituais –, a Maç.: ajuda-nos a encontrar o equilíbrio. Incita-nos a admitir que os homens são irmãos e a desenvolvermos uma atitude solidária. A descentralização do *eu* operada pela iniciação não é perturbadora nem empobrece o sujeito. Pelo contrário, desenvolve a pessoa, enriquecendo e dignificando a sua natureza humana.

Toda a aprendizagem passa não apenas pela nossa razão mas também por todo o nosso corpo ao ponto de se tornar um conjunto de reflexos. Não é por acaso que se diz poder conhecer um fr.: maç.: pelo seu comportamento. Por exemplo, observando a sua maneira de escutar os outros.

Deste modo, encontramos-nos preparados para trabalhar em conjunto, apesar – ou sobretudo graças à nossa diversidade. Temos aqui as condições, nem sempre



Boletim Comemorativo

aproveitadas é certo, de não gastar as nossas forças desvalorizando os que pensam diferentemente. Nem somos tentados a combater ideias mas não deixamos de estar prontos a defender as nossas, tendo sempre consciência da sua relatividade. Ou, sem idealizar demasiado, podemos dizer que se não evitamos o combate de ideias, situamo-nos num plano em que combateremos com a mesma intensidade a possibilidade dos outros manifestarem as suas ideias diferentes das nossas.⁽⁵⁾

Estamos, portanto, abertos à discussão, capazes de encontrar um consenso possibilitando o trabalho de construção do Templo universal. Não é por acaso que se designa a Maç.: como uma escola de pensamento e uma escola de democracia. A democracia está na base do funcionamento dos AtAt:.. E, por consequência, essa democracia fornece a possibilidade do seu estudo prático, da sua compreensão e da sua assimilação. Participando nos trabalhos de uma L.: compreende-se melhor a estrutura da democracia, a especificidade das suas lutas pelo poder, as suas fraquezas e as suas forças, ambas resultantes da diversidade e polifonia da natureza humana.

Concebida desta forma, a L.: maç.: torna-se um laboratório de ideias sobre o homem e o seu lugar no mundo. Sem pretensões de produtividade intelectual ou outras é um lugar de pesquisa fundamental. Cada um procura consoante o seu interesse e enriquece-se com a experiência dos seus Ilrr:..

No entanto, a L.: trabalha colectivamente estudando os problemas filosóficos, éticos ou sociais que se apresentam particularmente preocupantes. Neste sentido, a multiplicidade de Obed.: aumenta ainda mais a multiplicidade de assuntos que as LL.: maç.: podem tratar e o número de métodos utilizados nas suas investigações. O problema não deverá ser portanto o de reduzir o número de Obed.: mas de melhorar as relações, as visitas e a colaboração entre elas, num quadro qualitativo do seu funcionamento.

Como microcosmo social, a L.: maç.: tem uma vantagem específica, porque mesmo considerando que é um “laboratório” menos especializado, a diversidade extraordinária de conhecimentos e de vivência dos seus membros permite não apenas procurar novas soluções mas, ao mesmo tempo, de as testar para prever as reacções que as inovações podem provocar na sociedade profana. Deste modo, ao mesmo tempo que desenvolve a consciência de cidadania de cada um dos seus membros, a L.: maç.: prepara-os para a actuarem na sociedade e coloca à disposição desta o resultado dos seus trabalhos.

Depois de bem assimilada a natureza de uma L.: e da forma de trabalho que utiliza, é a partir desse momento apenas que se pode sair do nosso aparente isolamento, regressar à sociedade profana e ser-lhe mais útil.

São raras as intervenções na sociedade por parte das L.: ou das Obed:.. As circunstâncias em que poderemos fazê-lo colectivamente com eficácia só se apresentam excepcionalmente. A Maç.:, enquanto instituição, não foi concebida para se imiscuir na gestão da cidade e não está bem equipada para o fazer. Mas, mesmo que fora

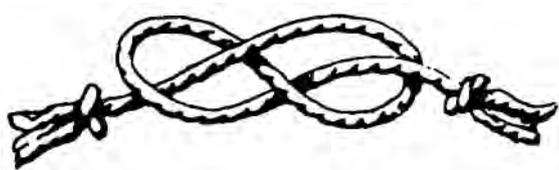


Boletim Comemorativo

do Templo se trabalhe individualmente, nós nunca estaremos sozinhos. É neste sentido que a Maç.: representa uma força.

Compreende-se, assim, porque considerei necessária esta introdução ao tema que vos apresento.

A Cerimónia da Ceia e o simbolismo do pão e do vinho nos nossos rituais celebra um estado de espírito – a alegria de partilha – e ao mesmo tempo é um momento operativo que induz a esse estado de espírito, de fraternidade profundamente sentida, cimentando assim, os «... *laços que nos unem tornando mais vivos os sentimentos que guiam o nosso ideal*».⁽⁶⁾



Notas

(1) – Mesmo quando pensamos ter apreendido o significado imediato de símbolos aparentemente simples como o da pedra bruta e o da pedra cúbica, referências basilares da “Maç.: operativa”. O *iter* na estrada real entre estes dois símbolos constitui, aliás, o fundamento essencial da Maç.:.

(2) – *Linguagem corporal*: posturas, atitudes, comportamentos; *linguagem alegórica e simbólica*: dirigida à nossa imaginação, intuição, emoções; *linguagem vocabular*: expressa segundo regras racionais, estruturantes do pensamento.

(3) – Simbolizado pelo direito de qualquer Mestre possuir uma espada. Mesmo em épocas em que no mundo profano só os aristocratas tinham o direito de andar armados, já em L.: esses Ilr.: partilhavam voluntariamente esse direito com os outros Ilr.: que não tinham esse estatuto social.

(4) – Podemos dizer, e com maior propriedade desde a formulação das teorias quânticas, que este “*fora do mundo*”, significa também uma maior inserção na realidade. Trata-se de passar para lá do mundo dos conceitos ou da aparência imediata das coisas, característico, aliás, de qualquer processo iniciático autêntico. De notar, que entre nós, a Maç.: sempre se designou como Arte Real e os seus membros como adeptos da Arte Real.

(5) – É certo que nem todos assumem esta postura ou dela dão testemunho na sua conduta, e ainda menos se observa no plano da vivência administrativa no âmbito das organizações obedienciais... nesse campo pouco ou nada nos distingue das organizações profanas.

(6) – Do Ritual de Abertura e Suspensão dos Trabalhos.



Boletim Comemorativo

A Liberdade

A liberdade é, em primeiro lugar uma utopia, em segundo lugar uma fatalidade e em terceiro lugar uma ilusão. A ordem poderá não ser esta, e a realidade poderá também não ser assim para vós. Em quarto lugar ela é uma esperança e em quinto, uma fé.

Porque esta é uma reflexão sobre a liberdade, é liberdade minha falar livremente sobre a liberdade, respeitando a vossa liberdade de discordarem totalmente do que eu aqui disser, sem que isso abale, mas pelo contrário, reforce, o meu sentimento de liberdade, porque é indo ao encontro da vossa liberdade (e não de encontro a ela) que eu serei livre.

Como todos os conceitos, pode ser interpretado de muitas maneiras, sendo que este é particularmente escorregadio, como sempre acontece quando falamos de valores, e, neste caso, especialmente, visto tratar-se de um valor que está, ou deveria estar, acima de qualquer dogma, com excepção de um valor a que poderemos chamar respeito. Que não deve ser confundido com medo, e às vezes é. Como também a própria liberdade às vezes é confundida.

Não há definição objectiva de *Liberdade*, assim como não a há de *Fé* ou de *Belo*, porque os valores não podem ser conceptualizados objectivamente e dependem do sistema social em que se integram. Não podem ser confundidos com factos, porque não são isentos de conotação afectiva ou de interpretação subjectiva.

Mesmo os factos, temos tendência a valorizá-los, isto é, a humanizá-los.

Somos nós que atribuímos valor às coisas, somos nós que atribuímos valor à liberdade. E os valores não são ideias, são sentimentos e emoções. A sua apreensão é subjectiva, qualitativa, bipolar e hierarquizante. Mas será a liberdade pura subjectividade, ou haverá princípios com ela relacionados sobre os quais poderemos estar de acordo? Estarão todos os maçons de acordo sobre o que é a liberdade?

Estarão os maçons de hoje em perfeita sintonia com as crenças sobre a liberdade de uma época histórica anterior? E futura? E os nossos contemporâneos, maçons e não maçons, (independentemente das suas práticas, para já falamos apenas de ideias) estão todos eles de acordo acerca da liberdade? E para já não falar em termos mundiais, os europeus?

Qual a possibilidade de um valor co-mo a liberdade ultrapassar a perspectiva relativizante da época e afirmar-se em termos intemporais?

Liberdade é um valor ou contém vários valores? É um valor que contém vários valores?

E qual a relação entre liberdade e moral? E liberdade e ética?



Boletim Comemorativo

É a liberdade um conceito generalizável a toda a espécie humana transcendendo-a e afirmando-se como algo em si, ou é marcado pela mobilidade, variabilidade, diversidade?

E qual o papel da liberdade na nossa relação com os animais e com a natureza em geral?

Vale a pena pensar sobre estas coisas? Será possível chegar a alguma conclusão? Vale a pena pensar sobre estas coisas mesmo que não se chegue a nenhuma conclusão? De que serve pensar sobre a liberdade?

E qual a relação entre obrigação ou dever e liberdade? De que lado está o Eu, de que lado está o Outro?

Qual o valor que nós damos ao conceito? E ao exercício? Qual a distância entre ser livre e dizer-se livre?

Levantou colunas há relativamente pouco tempo no GOL uma loja intitulada "Liberdade Livre", o que é ao mesmo tempo uma redundância, uma ironia, um paradoxo e uma impossibilidade. E também mostra a que ponto chegou, entre os próprios maçons, um valor como a liberdade, quando o nome necessita de se desdobrar em adjectivo para adquirir crédito. Como será uma liberdade que não seja livre ou que seja só liberdade? Futuramente, se uma loja vier a designar-se "Liberdade", o que passa isto a querer dizer, depois da existência de uma loja chamada "Liberdade livre"? Existe uma liberdade não livre?

E como poderia designar-se uma loja com o nome de Igualdade? Igualdade Igual? Ou Igualdade Livre? Fraternidade Igual? Ou Fraternidade Livre?

Existirá a Liberdade sem a Igualdade e a Fraternidade? E vice-versa?

Por enquanto, liberdade ainda é uma ficção e um "eldorado", uma espécie de quintessência. Seremos livres quando formos humanos. Por agora ela é a pedra oculta, a utopia, um caminho. Neste momento, ser livre é também saber-se que não se é livre. E no entanto saber isto é já uma forma de liberdade. Porque o caminho para ela passa por libertarmo-nos dos condicionamentos, das auto-limitações e dos medos. Principalmente, conhecê-los. Ser livre é, por vezes, saber recuar um passo e permitir que a vida nos mostre o passo seguinte, ser livre é acreditar que em cada dia a vida nos oferece todos os instrumentos de que necessitamos para a aprendizagem da liberdade, e que também somos livres de errar, que isso faz parte no nosso exercício de liberdade, e que não há culpa nisso. Ser livre é não sentirmos necessidade de nos justificarmos perante nada nem ninguém.

Ser livre é não ter medo de não ser livre. Porque a liberdade também pode tornar-se uma obsessão e paralisar-nos. Tanto queremos ser livres que criamos à nossa volta uma redoma para proteger essa pretensa liberdade. E já não somos livres. A liberdade não é coisa que se proteja. A liberdade é para usar e deitar fora, porque tem prazo de validade. Ela nasce todos os dias com o sol e renova-se todas as noites com os sonhos. Quando, receando perder a minha liberdade, eu me privo do risco de a perder, e de perder, a liberdade transforma-se em perda, em pedra, monumento, cristal de sal, rede de capoeira, cerca do meu jardim. E fico presa na minha própria liberdade. A liberdade gosta do ar, do risco e do movimento. Não é por acaso que astrológicamente está relacionada com o planeta Urano.

SER LIVRE É NÃO TER MEDO DE NÃO SER LIVRE. PORQUE A LIBERDADE TAMBÉM PODE TORNAR-SE UMA OBSESSÃO E PARALISAR-NOS. TANTO QUE-REMOS SER LIVRES QUE CRIAMOS À NOSSA VOLTA UMA REDOMA PARA PROTEGER ESSA PRETENSÁ LIBERDADE. E JÁ NÃO SOMOS LIVRES.

Boletim Comemorativo

E a este propósito, de Urano e da liberdade, e da viagem de Urano, fez-me sentido neste momento, voltar a estudar o que, a propósito, aprendi com a Maria Flávia Monsaraz e que partilho convosco.

Urano aparece pela primeira vez no século XVIII. Os ciclos evolutivos da História são desencadeados pela acção dos planetas lentos: Urano, Neptuno, Plutão.

Quando Urano passa, a sua alta frequência destrói a cristalização das velhas estruturas.

Apareceu pela primeira vez em Aquário e os seus ciclos são de 84 anos. Com ele apareceram as primeiras intuições e instituições de Liberdade, Igualdade, Fraternidade. Mas nesse primeiro apelo, liberdade foi confundida com revolta e violência. Urano começou por ser recebido com a mente, não com a alma. As pessoas não eram capazes de perceber que para serem livres precisavam de respeitar o próximo. Mas são assim as aprendizagens, a nível individual como a nível colectivo, uma etapa de cada vez, a humanidade precisava de passar por isto.

Neste momento Urano está em Peixes, que é o signo de Neptuno, o paradigma de um tempo novo.

No início do Século XX ele estava em Sagitário conjunto com Saturno: isto dá impacto e aceleração, de acordo com o Sagitário. Vem propor a revolução das ideias, dos valores, das crenças. Moderno, no sentido mais revolucionário, diferente, mas numa perspectiva muito horizontal. Ideais de liberdade e Saturno vêm estruturar esse movimento. Mas eram ideais de liberdade dissonantes: individualismo, libertinagem, excesso de afirmação pessoal contra tudo e contra todos, sem consciência de participação no colectivo, liberdade contra Neptuno, o amor universal. O poder era o do ego, da personalidade, da razão, do totalitarismo, da tecnologia e não da alma.

Em 1905: Passa de Sagitário para Capricórnio – é quando se dá a grande revolução cultural modernista, a pintura moderna, a revolução ao nível da criatividade; já com o impressionismo no século XIX, mas que se radicalizou no século XX com o cubismo, o futurismo, o dadaísmo, etc.

Em Aquário passa em 1912 – e dá-se um grande processo de transformação: a I guerra mundial, uma viragem na história da humanidade. O séc XIX acabou verdadeiramente na guerra de 1914, uma das dimensões de Urano é a guerra, e nesta altura tudo se foi começando a transformar, a aristocracia decadente foi desaparecendo, surge a arte nova, decorativa, sofisticada, mas num ambiente de uma certa superficialidade, corresponde a um determinado estilo de vida. Um novo tempo social.

Em Peixes passa de 20 a 27 – Peixes é um signo mutável, regido por Neptuno, muito relacionado com a música; dá-se o aparecimento do jazz, música revolucionária, moderna, diferente. Na América: a depressão, e a lei seca. Peixes está relacionado com a evasão, e a liberdade é incompatível com ela.

Em Carneiro, signo de Marte, passa em 1927 e faz quadratura a Plutão em Caranguejo.

É uma época pesada, que desencadeia a grande guerra. Liberdade e poder não se integram. Surge um conflito. Mussolini, Hitler, Salazar, todos tinham nascido com Plutão em Caranguejo.

O automóvel torna-se mais vulgarizado (carneiro tem a ver com o novo).

Nos anos 30 surge o futurismo, dos movimentos estéticos, o mais revolucionário.



Boletim Comemorativo

As saias sobem.

A quadratura de Urano a Plutão propicia uma geração de pessoas revolucionárias, que começam por ser contestatárias e com o tempo passam para o lado de Plutão (o poder) contra Urano, que é a liberdade, e cristalizam, surgem os conflitos geracionais. Passam a confundir poder com liberdade. Voam numa gaiola dourada. É uma geração que do ponto de vista Uraniano ficou pelo caminho. Os que conseguem sobreviver são os que seguram a geração (quase todos os grandes astrólogos do século passado) que optou por Urano (astrologia) contra Plutão; esses souberam fazer a viagem.

Em Gémeos: deu-se a primeira reacção atómica controlada em Dez 42.

A 1ª bomba atómica de... urânio: Urano mal entendido, o lado sombra. A humanidade teve um apelo de liberdade e optou pela destruição.

Em Caranguejo (signo de alma, regido pela lua): 49, 55, 56.

Caranguejo exprime o mal-estar da alma.

Nesta geração (que é a minha e a de vários de aqui) as pessoas emanciparam-se das dependências biológicas da família, o espaço familiar foi sentido como irrespirável, toda uma geração que saiu cedo da casa dos pais procurando fora o que só dentro poderia encontrar. Procuram horizontalmente, não percebendo que lhes falta o ar porque dentro de si não são livres, porque têm medo, porque têm traumas.

A liberdade só se vive verticalmente, vivendo a liberdade dentro de si.

Quando passou em Leão: (62) – Associou-se identidade e liberdade. Enquanto não for livre, esta geração não sabe quem é. São os eventuais líderes de um mundo novo. Só podem ser eles próprios. Mas isso obriga-os a pagarem o preço da diferença, a coragem para o fazer. As massas são conservadoras e criam-lhes grandes resistências. As massas precisam de três ciclos de Saturno para tornarem seu aquilo que a criatividade propôs.

É preciso ter a coragem de ir contra o pensamento colectivo para vivermos a nossa casa V. Não é fácil, mas o retorno é muito gratificante.

Não se permitem ser iguais a ninguém, vieram individualizar-se, assumir fortemente a sua auto-imagem face ao um e aos outros.

Em Virgem, Urano (65) fez conjunção a Plutão.

Sobe a vibração, ascende uma oitava.

São de muito fácil arrogância, têm dificuldade em perceber que a liberdade é um processo interno. Esta geração terá de passar pela morte de Mercúrio, da sua mentalidade agressiva e arrogante.

Têm muita facilidade em tecnologias, poder mental muito analítico, binário. Numa primeira fase confundem liberdade com poder mental.

Em Balança esteve de Abril 69 até Nov. 74.

Balança é o signo das relações. Foi a libertação das relações amorosas. Os relacionamentos convencionais e de conveniência começam a desmoronar-se. Os divórcios multiplicaram-se, os casamentos foram substituídos por relações mais verdadeiras e mais exigentes.

Urano é o regente esotérico (no plano da alma) de Balança. Ensina a não manipular o outro, não pretende que ele evolua à força. Não há dependência, há respeito. As separações vêm de um querer que o outro seja diferente.

**NESTA GERAÇÃO
(QUE É A MINHA E A
DE VÁRIOS DE AQUI)
AS PESSOAS EMANCI-
PARAM-SE DAS
DEPENDÊNCIAS BIO-
LÓGICAS DA FAMÍLIA,
O ESPAÇO FAMILIAR
FOI SENTIDO COMO
IRRESPIRÁVEL, TODA
UMA GERAÇÃO QUE
SAIU CEDO DA CASA
DOS PAIS PROCURAN-
DO FORA O QUE SÓ
DENTRO PODERIA
ENCONTRAR.**

Boletim Comemorativo

Aqui, o gérmen do desencontro veio activar o gérmen do encontro, da expressão da alma. Já não há compromisso rígido. O compromisso rígido é o Saturno a querer transformar liberdade noutra coisa (pessoas com Saturno em Balança têm tendência para o fazer).

Esteticamente, dá-se uma grande expansão da pintura (a arte mais venusiana, o planeta de Balança).

Quando passa em Escorpião (75-80) dá-se a grande confusão, e uma certa libertinagem que se seguiu aos divórcios. Ser livre foi confundido com não ter limites. Um caos ao nível das relações amorosas. Trouxe ao limite a liberdade para as pessoas perceberem a diferença entre liberdade e instintos, e desilusão.

A humanidade teve de pagar o preço do equívoco para perceber que amor não é isso.

Urano é a meta divina que neste momento desceu até às trevas das águas de Escorpião. E dá-se a procura da liberdade de um modo radical. São arrogantes, até que uma verdadeira perda ou rotura lhes vem mostrar que a sua arrogância não faz sentido.

Liberdade e poder são incompatíveis.

Os jovens desta geração são mais libertos de ciúme, menos possessivos, menos violentos. Urano imprime uma energia mais subtil ao escorpião, não o deixa ser tão clássico e pesado, como é a sua maneira natural.

Em Sagitário passa de (Nov. 81 a Agosto 82).

E abre novos valores (até para a astrologia no mundo). Energias, terapias, frequências de vibração, muitos caminhos neste sentido. É uma revolução de valores, de mentalidades, de ideais, para onde se orienta a seta de Sagitário.

Em Capricórnio: passa em 1988 – conjunto a Saturno).

Traz ao mundo um paradigma de nova era. Que é também um paradoxo. Não se pode estar com os outros sem primeiro ser livre e não se pode ser livre sem estar com os outros.

Mas não é por acaso que Urano vem antes de Neptuno; primeiro temos de nos encontrar a nós, sozinhos. Depois ligamo-nos a Neptuno, a energia do coração, o amor sem expectativas, o amor que é dar, sem apegos, totalmente livre na sua entrega. Só assim podemos ter poder e força para transformar o mundo.

Porque mudar o mundo é mudar--se a si mesmo. A vida está a pedir processos de individuação, para as pessoas serem cada vez mais iguais a si próprias.

Neste momento está em Peixes, onde vai estar até 2011: a liberdade é interior; portanto não há liberdade sem o trabalho de transformação interna a partir do confronto com o exterior, espelho e instrumento.

Enquanto que Escorpião é um signo fixo, e representa o desejo, Peixes é um escorpião dual, ainda escorpiónico, mas já idealista. Com Urano em Peixes não há liberdade enquanto houver essa dualidade, essa fragmentação do eu. A paz interior vem de uma rendição da mente inferior à vida, ao humano que é o divino em nós, um peixe rende-se ao outro peixe.

O poder deixa de ser sinónimo de liberdade. Esta está na pacificação, na harmonização das águas.



Boletim Comemorativo

Até 2011 será aconselhável preparar a entrada de Urano em Carneiro (haverá muita novidade, grande transformação, o rebentar com as estruturas).

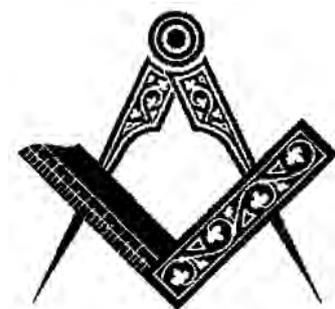
Uma quadratura Urano/Plutão vai durar quatro anos (2011-2015); quatro anos de muita tensão entre um mundo velho que não quer acabar e um mundo novo que começa.

Quatro anos de muito trabalho para toda a humanidade, mas de especial cuidado para os maçons e todos os seres que quiserem e puderem acompanhar estes difíceis tempos com a sua atenção ao rubro. Para se manterem de pé e flexíveis para auxiliarem os que, distraídos, certamente muito irão precisar de nós.

A liberdade nasce como nós nascemos: com dor. Cabe-nos a nós inventar ou descobrir um novo potencial de nascer: com Amor.

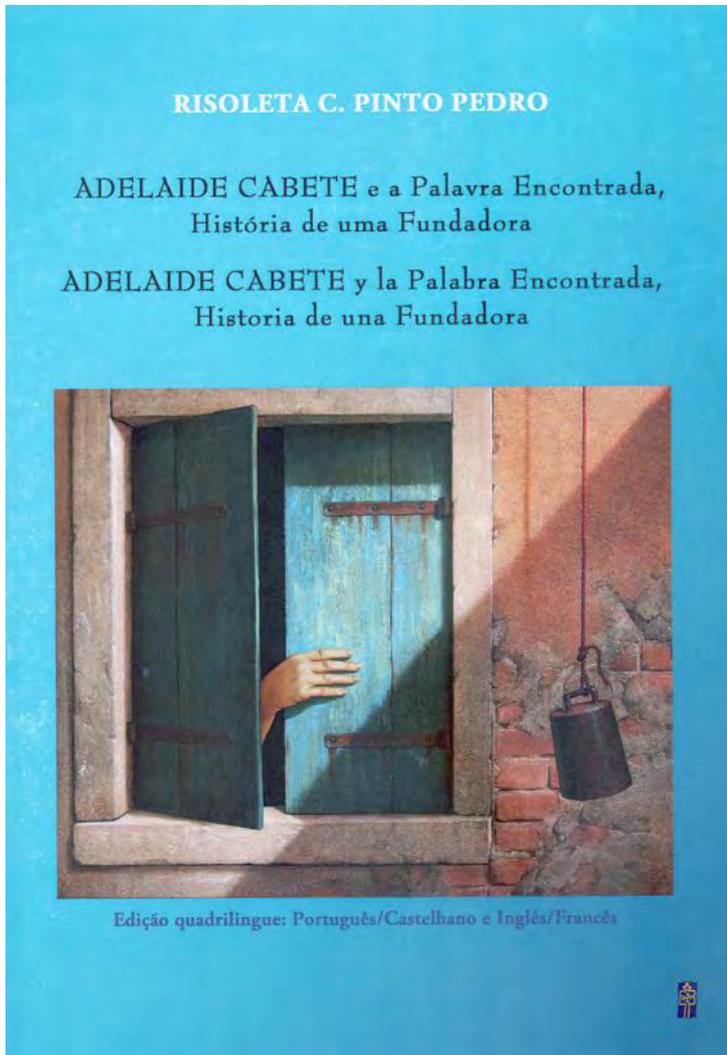
Março de 2007, E.: V.:

RCPP.:



Estes 3 textos compõem o opúsculo editado pela R.: L.: Humanidade "reunindo uma pequena selecção de Peç.: de Arq.: apresentadas na L.: ao longo dos últimos anos".

Livro e Jóia



“Adelaide Cabete e a Palavra Encontrada,
História de uma Fundadora”

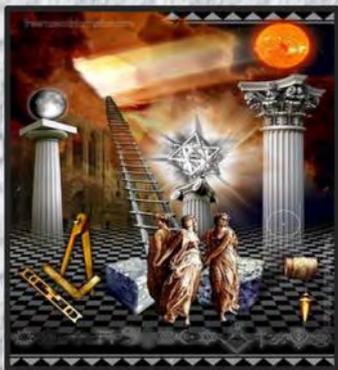
Por Risoleta C. Pinto Pedro

Edição quadrilingue : Português / Castelhana
Inglês / Francês

Jóia desenhada por ocasião
da celebração do 30º Aniversário
da Respeitável Loja Humanidade



Marcadores



FREEDOM

It is difficult to decide which way of life you want to live, but once you've set upon your route Nothing and no-one can sway you from your chosen path.

"À sombra da tua Humanidade plantaste um sonho de Igualdade!

À luz da Liberdade bordaste... a bandeira da Fraternidade!"

Only then, when you've cut all the strings from your foregone and recent past You may enjoy the glory of being totally Free.

Free to follow your heart
Free to forgive and forget
Free to say NO
when you feel the pressure
And Free to finally come home and say in truth:

Yes, I'm at peace,
I've fulfilled my oath
at long last, I am ready to be
In brotherhood
Your sister – a Mason.



"À sombra da tua Humanidade plantaste um sonho de Igualdade!

À luz da Liberdade bordaste... a bandeira da Fraternidade!"



Em silêncio a pedra
transforma-se em pão
e repousa
sobre vermelho
cor de veludo
Contempla o espelho.
E é o Todo
e é tudo.

Alguns dos marcadores criados por ocasião da celebração do 30º Aniversário da Respeitável Loja Humanidade, oferecidos aos visitantes

Selos



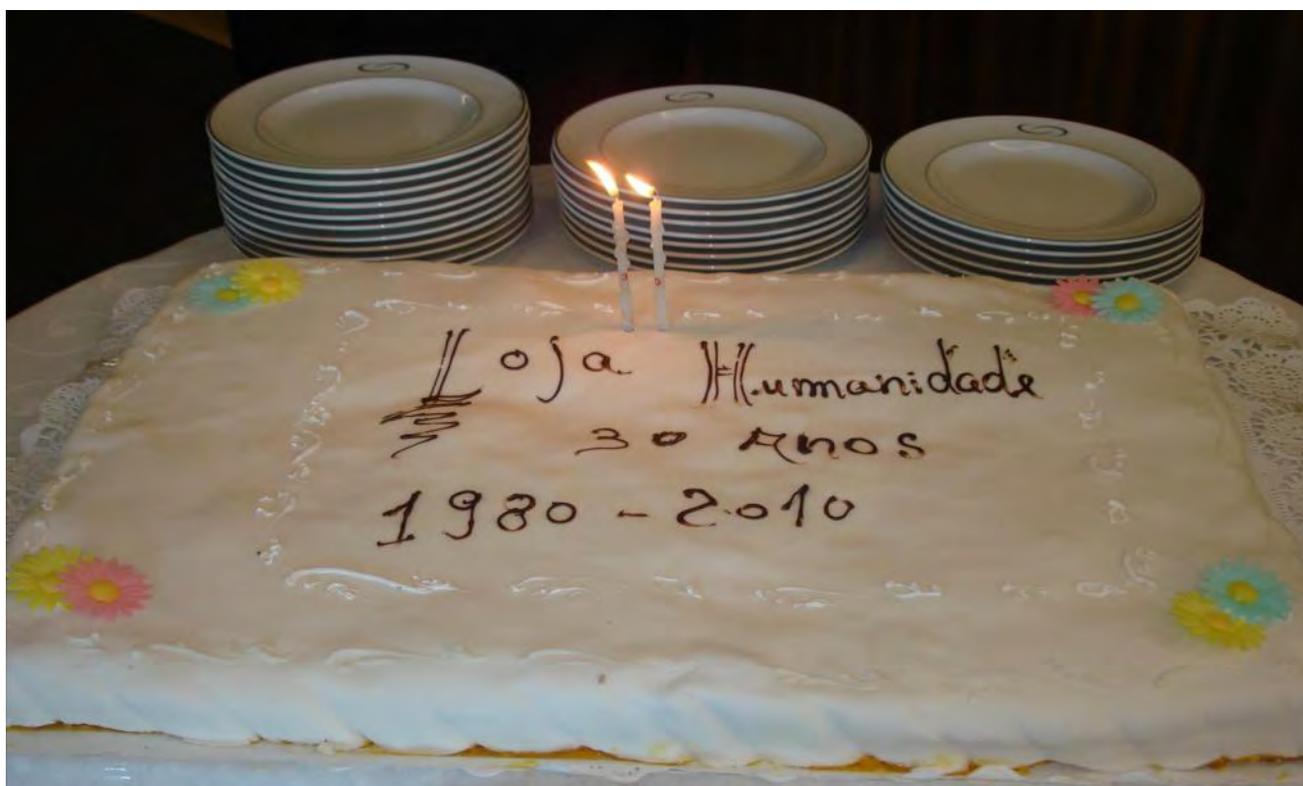
Selos comemorativos criados por ocasião
da celebração do 30º Aniversário
da Respeitável Loja Humanidade

Templo



O templo preparado para a Sessão solene

Ágape Fraternal



O bolo do 30º aniversário da R.: L.: Humanidade

Fado e Dança



Momento de dança

O Fado cantado à capela

Editor de Publicação:

Manuel Garrido

Comissão de Publicação:

Raquel Reininho

Ricardo Freitas

Colaboração:

Venerável Mestre, Irmãos e Irmãs
da Respeitável Loja Humanidade

Contacto para sugestões e

colaborações:

boletimfederacaodh@gmail.com

O Ordem Maçónica Mista Internacional “Le Droit Humain” em Portugal

A Ordem Maçónica Mista Internacional LE DROIT HUMAIN teve duas fases da sua existência em Portugal.

A primeira fase histórica na 1ª República foi liderada pela Dra Adelaide Cabete, insigne lutadora pela causa da Igualdade entre o Homem e a Mulher, Venerável Mestre de uma Loja feminina, a Loja Humanidade, dentro da então estrutura do GOLU (Grande Oriente Lusitano Unido), retirou-se do mesmo, ao ser-lhe exigido que ficasse mas como Loja de Adopção, isto é, sem os plenos direitos que antes detinha em igualdade com as Lojas masculinas, e pediu a admissão na nossa Ordem. Após a admissão, criou outras Lojas dando assim origem à Jurisdição Portuguesa de que foi Presidente. Após a Revolução de 28 de Maio de 1926, com a instauração do Regime ditatorial do Estado Novo o Direito Humano desaparece em Portugal. Em 1980 um grupo de profanos de Lisboa foi iniciado e constituiu uma nova Loja a que deu o nome de "Humanidade" em homenagem à criada em 1923, e, deu-se início a um novo ciclo. Em 1983 foi criada no Porto a Loja "Fraternidade", em 1984 a Loja "Athamor" em Lisboa, em 2000 a Loja "Liberalitas" em Évora, em 2002 a Loja "União" em Alcobaça e em 2003 a Loja "Gaia" em Vila Nova de Gaia e a Loja "Adelaide Cabete" em Braga. Existem, ainda três ateliers de Altos Graus: uma Loja de Perfeição "Sete Colinas", um Capítulo "Rosa Lusitana" e um Areópago "Porto do Graal".

